USO DA METODOLOGIA DE REDES SOCIAIS NA PREVENÇÃO DO CONSUMO DE DROGAS NA ESCOLA

Maria do Carmo Canto Martins [1]

RESUMO
Neste artigo, propomos uma reflexão sobre o desenvolvimento de programas de prevenção do uso de drogas em escolas, salientando aspectos teóricos e metodológicos que possam fundamentar suas ações, de modo que se logre êxito. Discorremos, aqui, acerca das teorias, sistêmica e a da complexidade, esta formulada por Morin (1991). Tratamos em especial sobre das bases filosóficas dessas teorias para elucidar o fenômeno da drogadição. Versamos também acerca da metodologia de redes sociais como uma possibilidade interdisciplinar de compreender a organização e o funcionamento de redes sociais em diferentes áreas da vida. A utilização dessas redes e o seu mapeamento poderão evidenciar a proximidade e intensidade dos vínculos pessoais e sociais. Sendo assim, esta metodologia torna-se um caminho a ser percorrido para a realização de programas como o de prevenção de drogas, objeto deste artigo.
Palavras-chaves: Redes Sociais. Teoria da Complexidade. Prevenção do uso de drogas em escolas.

Use of social networks methodology in the prevention of drug in schools.

ABSTRACT
In this article, we propose a reflection on the program development of drugs prevention in schools, sticking out the theorical and methodological aspects that you could base your actions on, in a way that you could achieve success. In this article we used two theories, the systemic and the complexity, this one conceived by Morin (1991), dealing in special with the philosophical bases from this theories to elucidate the phenomenon of drugaddiction. We also wrote about the methodology of social networks as a interdisciplinary possibility of understanding the organization and the functioning of this social networks in different life areas. The utilization and the mapping of this social networks could evidence the proximity and intensity of the personal and social attachments. This methodology transforms itself in a way to realize programs such as drug prevention, which is the subject of this article.
KEY WORDS: Social Networks. Complexity Theory. Prevention.

[1] Professora do Instituto Federal de Tecnologia Ciência e Educação de Goiás- IFG. Graduada em Pedagogia UFG; Mestre em Educação PUC/ Goiás. End: Rua J 62 qd.113 lt 09 setro Jaó- Goiânia- CEP: 74674-280. Email: carmocanto@uol.com.br. Telefones: (62) 3945 1964/ 81747737

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!
Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não calça a luva!
Quem sobe nos ares não fica no chão,
Quem fica no chão não sobe nos ares.
É uma grande pena que não se possa
estar em dois lugares!
Ou guardo dinheiro e não compro doce,
ou compro doce e não guardo dinheiro.
Ou isto ou aquilo, ou aquilo...
E vivo escolhendo dia inteiro!
Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.
Mas não consegui entender ainda
Qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles

O poema da epígrafe fala de sentimentos inquietantes da existência humana, tornando-os universais sem, contudo, banalizá-los. *Ou isto ou aquilo* leva-nos a refletir sobre as escolhas feitas e decisões tomadas durante a vida, tanto de caráter pessoal quanto profissional, escolhas que envolvem análises, posicionamentos e, sobretudo, desejos de realização.

Quando se trata de os educadores tomarem decisão para desenvolver programa de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas na escola, muitas dúvidas e inseguranças surgem, vez por outra acarretando desistências. Em pesquisas realizadas, Lima (2001) verificou que os professores oscilavam entre a crença de não saber nada sobre drogas e, no caso de domínio de tal conhecimento, na suposição de não de não dispor de informação sobre como fazê-lo, acreditando não ser da sua alçada ações destinadas a tal fim.

Segundo Lima (2001 apud J. B. SANTOS, 2006 p. 46), a prevenção do uso em foco não está no conhecimento do assunto, mas na capacidade de o professor estar mais ou menos próximo dos alunos para fazer algum tipo de intervenção.

Parece-nos que a dúvida dos educadores, constatada por Lima (2001), diz respeito, sobretudo, a ser ou não função e responsabilidade da escola desenvolver programas que promovam a prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas, o que paralisa a ação do educador.

Para Sodelli (2010), a implantação de projetos preventivos na escola é frágil por duas razões principais: a resistência dos docentes em acatar como objetivo da prevenção minimizar os efeitos prejudiciais da droga, tendo em vista que o posicionamento da maioria é o de defender a proibição e a abstinência desta. A outra dificuldade relaciona-se à primeira: uma vez compreendida a postura não proibitiva do uso de drogas e, iniciada uma ação preventiva, qualquer fato não previsto tornar-se motivo para estes profissionais interromperem a ação. Sendo assim, Sodelli (2010) afirma que a desistência dos professores tem motivos inconsistentes.

Pelo exposto, verificamos haver dois desafios na implantação de projetos de prevenção ao uso de drogas na escola: um primeiro quanto à dúvida dos docentes, anteriormente citada, e o segundo quanto ao posicionamento e à disponibilidade do professor.

No que concerne ao primeiro aspecto, lembramos que, nos instrumentos legislativos nacionais, há uma indicação afirmativa na Lei de Diretrizes e Bases (LDB – Lei nº. 9.394/96), regulamentada pelos PCN, que propõem a denominada formação geral do aluno na matriz curricular da escola, considerando que esta instituição está inserida no contexto social do adolescente. Dada essa inserção, a escola pode ser fator de proteção ou de risco ao envolvimento do adolescente com álcool e outras drogas. Com efeito, a escola tem por função transmitir os conhecimentos sistematizados ao aluno, mas também lhe compete promover outras aprendizagens, tal como o aluno relacionar-se com o outro, pois é ali que acontece a convivência com os pares.

Moreira; Andreoli (2009) são categóricos em afirmar que a escola é palco privilegiado de prevenção ao uso nocivo de drogas e mencionam vários fatores que sustentam essa assertiva, e, em especial, o vínculo estabelecido pelos estudantes com a escola como fator de proteção ao adolescente.

Tendo em vista essas colocações, propomos uma reflexão sobre dois aspectos de um programa para prevenir o abuso de drogas: a teoria que o fundamenta e a metodologia que norteia suas ações. Com efeito, a escolha da fundamentação teórica e da metodologia poderá contribuir para o êxito ou o fracasso da intervenção.

Neste artigo, defendemos que a adolescência seja conceituada em uma perspectiva de ciclo de vida, que se caracteriza não só pelas mudanças físicas, biológicas e psicológicas, mas também, sobretudo, por momentos de muitas descobertas e dúvidas, em razão de os jovens ficarem suscetíveis às influências de seus pares. Com efeito, neste momento da vida, os pares têm papel de maior relevância que os pais e professores.

Consideramos que um projeto de prevenção ao álcool e outras drogas possa ser pautado no envolvimento do adolescente como protagonista nas atividades culturais, de esporte e lazer, práticas desenvolvidas com a finalidade principal de levá-lo a se perceber como sujeito de sua própria história. Neste sentido, o diálogo é relevante por possibilitar ao educador a aproximação do aluno para conhecê-lo em seus dilemas e inquietudes, o que gera condições para apontar-lhe opções de vida nas quais o consumo abusivo de álcool ou outras drogas não faça parte.

Ademais, na instituição escolar, a prevenção pode e deve ser realizada por meio de atividades integradas ao conteúdo das disciplinas e às práticas escolares cotidianas, o experiências ótimas de aprendizado e um desafio para todos os atores envolvidos no processo (SANTOS, 2006, p. 47).

No tocante ao referencial teórico que poderá sustentar um projeto com o objetivo em causa, salientamos a teoria sistêmica. Vasconcelos (2003) destaca esta teoria como uma possibilidade de articular diferentes áreas do conhecimento. Assim sendo, esta teoria avulta como adequada à compreensão do complexo fenômeno da drogadição, visto que tal fenômeno envolve diferentes saberes.

A leitura sistêmica concebe o uso de drogas por um adolescente como um sintoma, ou seja, como sinal de que algo não vai bem (SUDBRACK, 1996). As inter-relações do adolescente com a família e o contexto social constituem o foco da abordagem. A família é vista como um sistema com autonomia em sua capacidade de auto-organizar-se, mas é, ao mesmo tempo, interdependente do contexto e dos demais sistemas com os quais se relaciona (VASCONCELOS, 1994 apud SUDBRACK, 2002).

Trata-se de um sistema interligado a outros sistemas, tais como trabalho, igreja, clube, escola, comunidade, entre os quais ocorrem trocas. A inexistência destas trocas indica que algo não vai bem com o sistema familiar. A propósito, escola, família e comunidade formam um tecido que deve contar com a participação de cada ator, a fim de que o resultado seja positivo para todos. A soma das partes, a integração da diversidade e o exercício de tolerância mútua permitem a convergência das emoções e a realização dos projetos comunitários, nos quais podem incluir-se os programas de prevenção ao uso de drogas.

Com efeito, para o desenvolvimento de tais programas, consideramos valiosa, também, a inclusão da teoria da complexidade, formulada por Morin (1991). Esta teoria pressupõe a relação dialógica entre certeza-incerteza, separação-inseparabilidade. A grande questão desta teoria é combinar o simples com o complexo, o certo com o incerto, o separável com o inseparável, em outras palavras, utilizar o pensamento complexo para unir, mas operando diferenciações.

Ao criticar o paradigma da simplificação-disjunção, propugnado pelas ciências tradicionais, Morin (1991) afirma ser ele reducionista. O paradigma da teoria da complexidade contesta os conhecimentos que estão postos desde século XVI, a partir de Copérnico, passando por Galileu, chegando a Newton. Anteriormente, houve a contribuição dos filósofos gregos para a elucidação de vários aspectos da vida humana. Essas contribuições influenciaram o pensamento ocidental, pós-Idade Média. Nos séculos XIX e XX, ocorreu significativa produção de conhecimento científico, graças a pensadores, dentre os quais, Adam Smith, Lavoisier, Darwin, Marx, Durkheim, Max Weber, Pareto, Humboldt, Planck, Poincaré e Einstein.

Boaventura Santos (1987) explica que "O modelo de racionalidade que preside a ciência moderna constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes, basicamente no domínio das ciências naturais. Ainda que com alguns prenúncios no século XVII, é só no século XIX que este modelo de racionalidade se estende às ciências sociais emergentes" (BOAVENTURA SANTOS, 1987, p. 10).

Morin (1991) sustenta que, nas ciências modernas, a certeza era conseguida por meio de experiência, observação ou pesquisa, atividades realizadas por diferentes observadores ou pesquisadores, que estavam de acordo com os procedimentos então utilizados na pesquisa (provas). Com base nesta, elaboravam uma teoria coerente. Segundo o autor, por muito tempo, as ciências acreditaram que o conhecimento produzido desta maneira era o espelho da realidade. A ciência fundamentava-se em três ideias básicas, que asseguravam esta certeza:

1) a ordem;
2) o conhecimento baseado no princípio da separação;
3) a obediência à razão.

Morin (1996) assinala que, no século XIX, ocorrem a desordem e a incerteza, quando Baltzman autenticou o fenômeno calórico como um fenômeno de agitação ao acaso das moléculas. Nesse momento, enunciou o segundo princípio da termodinâmica: com o tempo, a entropia tende a crescer, ou seja, existe perda da capacidade da energia de se transformar em trabalho. A entropia é traduzida também como tendência à desintegração do que é ordenado ou integrado. A partir desse ponto, Morin (1991) começa a tecer a teoria da complexidade.

Fizemos essa breve exposição acerca da teoria da complexidade por considerar que os seus pressupostos filosóficos são valiosos para o entendimento da drogadição. São eles: certeza–incerteza, separação–inseparabilidade e simplicidade–complexidade. À luz destes eixos, pode-se compreender o fenômeno da drogadição com maior proximidade do real e, dessa maneira, trabalhar o tema da prevenção do uso de drogas com maior competência, dada a sua especificidade.

No tocante à abordagem metodológica para desenvolver ações de programas desta natureza, sugerimos a metodologia de redes sociais, que se apresenta como uma possibilidade instigante, tendo em vista que oferece caminhos a serem percorridos, como, por exemplo: o levantamento da rede de proteção e de risco ao consumo de drogas por estudantes e o levantamento da rede de proteção e de risco da família na orientação dos filhos sobre o uso indevido de drogas.

A propósito, Sluzki (1997, p.42) sustenta que em um nível mais microscópico a rede social de um indivíduo pode ser definida como a soma de todas as relações que este percebe como significativas[...] O autor afirma que afirma: “O conceito de rede social foi desenvolvido e refinado de maneira acumulativa, mas desordenada por uma série de autores” (SLUZKI, 1997, p.39). Entre os autores, merece ser citado Kurt Lewin (1952), cuja teoria do campo inclui explicitamente variáveis centradas nas relações sociais informais. O autor referenciado (Ibid.) menciona outros teóricos desta área de conhecimento: (a) Jacob L. Moreno (1951), por sua contribuição na criação do psicodrama, no desenvolvimento do conceito de psicologia geográfica e do sociograma, os quais dão suporte ao mapeamento de rede de relações grupos e comunidade; (b) o antropólogo John Barnes (1954, 1972), por evidenciar a importância dos vínculos sociais não familiares na vida

cotidiana das pessoas; (c) Elisabeth Bott (1957), que, em seu estudo, demonstra três aspectos da rede: composição, estrutura e conteúdos das interações; (d) Erch Lindeman (1979), que desenvolveu a "teoria da crise" e confirmou os resultados positivos da metodologia de rede social a curto e longo prazo em situações de crise; (e) Ross Speck; Carolyn Attneave (1973), que realizaram reuniões com a família extensa e a rede informal de pacientes em crise.

Duarte (2006) entende rede social como um conjunto de relações interpessoais concretas que vinculam indivíduos a outros indivíduos. Segunda a autora, a utilização de rede social vem se ampliando dia a dia, à medida que se percebe o poder da cooperação como atitude que enfatiza pontos comuns em um grupo, gerando solidariedade e parceria (DUARTE, 2006, p.156).

Menezes (2007), por sua vez, valendo-se da metáfora da rede do pescador, que é tecida por meio de nós, explica que, na rede social, os nós representam as pessoas e instituições com as quais o indivíduo criou vínculos de diversas qualidades e intensidades. Os fios que permitem 'amarrar' esses nós são constituídos pelas relações, pelos vínculos, pelas diversas formas comunicacionais. Assim, um nó pode ser tecido por uma pessoa, ou um grupo, uma comunidade, por fim, por um sistema auto-organizado. (MENEZES, 2007, p.23).

Para registrar as diversas formas de relações, Sluzki (1997) desenvolveu um mapa formado por quadro quadrantes: *família*, *amizades*, *relações de trabalho* ou *escolares* (companheiros de trabalho e de estudo) e *relações comunitárias*, ou *de serviço* (como, por exemplo, serviço de saúde) ou *de credo*. Esse mapa permite descrever a rede social. Nos quadrantes são desenhados círculos que significam o grau de proximidade entre os atores que compõem a rede e o nível de interação entre os atores que estão em um mesmo quadrante.

Para análise das informações do mapa, Sluzki (1997) adota os seguintes critérios: tamanho, densidade,composição(distribuição),dispersão,homogeneidade/heterogeneidade e tipo de funções. O autor define cada critério, entretanto, evidencia a importância da função da rede, quando lista as seguintes funções: companhia social, apoio emocional, guia cognitivo e de conselhos, regulação social, ajuda material e de serviços e, por último, acesso a novos contatos.

Na escola, o mapeamento da rede social pode ser utilizado em dois níveis: individual, cujo objetivo é produzir reflexões pessoais e grupais, que permitem verificar quais são os vínculos fortalecidos, os enfraquecidos e ainda os inexistentes. Essas informações propiciam a definições de ações para otimizar os vínculos da rede social, com o objetivo de desenvolver projeto de prevenção ao uso de drogas.

Ao professor, esse instrumento favorece reflexões sobre a turma e consequentemente o melhor conhecimento de seus alunos, o que poderá favorecer um relacionamento de qualidade na turma, quer entre docente e alunos como deste entre eles mesmos.

Ao adolescente, o mapa evidencia os vínculos de seus relacionamentos, propicia-o reconhecer os vínculos que se encontram fortalecidos e os fragilizados. Ademais, este movimento conduz o indivíduo a formular considerações de caráter pessoal, levando-o ao autoconhecimento e, por consequência, à redescoberta dele próprio como sujeito de sua história de vida.

A avaliação do mapa poderá, também, mostrar os aspectos recorrentes dos estudantes, aspectos que poderão ser trabalhados em conjunto pelo professor, sem, contudo, fazer exposição pessoal.

Adotada em programa de prevenção do uso abusivo de álcool e outras drogas, a metodologia de redes sociais pode ser utilizada, ainda, em reuniões de pais, visando a contribuir para o fortalecimento dos vínculos e a formação de uma rede de proteção.

Lembramos que um programa de prevenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas, fundamentado nos pressupostos da leitura sistêmica, deve adotar o conceito de uso indevido de substâncias psicoativas como uma dimensão relacional, decorrente da qualidade das relações afetivas e sociais. Nesse sentido, quando se propõe um trabalho de dimensão sociofamiliar, a prática de redes sociais torna-se importante e necessária, principalmente quando as inter-relações se encontram enfraquecidas, como é o caso das redes de adolescentes em situação de pobreza e exclusão social (SUDBRACK, 2006).

Desse modo, ao realizar a prevenção ao uso indevido de drogas com a mobilização da família e da comunidade, a escola estará reforçando a sua rede social. Com a construção de vínculos, a escola protege-se a si mesma e pode proteger seus alunos e profissionais da violência e do medo suscitados na abordagem do tema das drogas.

É indubitável que, em programas de prevenção desenvolvidos pela escola, a participação da família seja necessária. O triângulo indivíduo, família e contexto social forma um desenho que tanto pode ser fator de proteção como de risco para o adolescente.

J. B. Santos (2006), em sua pesquisa, mapeou as redes sociais de adolescentes de duas turmas de 8ª série do ensino fundamental da rede pública do Distrito Federal e, assim, chegou aos fatores de risco e proteção para o envolvimento com drogas na adolescência.

Essa autora (Ibid.) enumera entre os fatores de proteção, na família, os seguintes: (a) relação familiar integradora: quando o adolescente sente-se amado e protegido; (b) vínculos afetivos fortalecidos; (c) diálogo como uma estratégia de resolução de conflito; (d) presença de autoridade e respeito à negociação de regras familiares estabelecidas; (e) cuidados com a saúde como valor importante; (f) investimento no sucesso do adolescente e incentivo aos estudos.

Como fatores de risco, esta autora salienta: (a) relação familiar de distanciamento: o adolescente sente-se excluído; (b) vínculos afetivos frágeis; (c) relação conflituosa, limites e regras não respeitados; (d) insucesso na negociação de regras; (e) uso nocivo de álcool e outras drogas na família; (f) expectativas negativas quanto ao futuro do adolescente.

Quanto à escola, a autora supracitada listou como fatores de proteção: o adolescente sentir-se participante da escola e integrado a esta; o adolescente conseguir estabelecer relações de afetividade e de confiança na escola; sentir-se valorizado, respeitado e acreditado pela escola; ter ciência acerca das regras, normas e limites da escola, que devem ser bem definidos; saber que as relações entre educadores e alunos são baseadas no respeito mútuo, diálogo, na flexibilidade, afetividade positiva e confiança; ter conhecimento da postura da escola, bem como das ações reflexivas e de controle efetuado por esta em relação ao uso de drogas; saber que a escola tem conhecimento e/ou controle da presença de drogas em seu ambiente (SANTOS J. B., 2006, p. 200).

Na mesma obra, J.B Santos destaca, também, situações de risco para o consumo indevido de álcool e outras drogas entre adolescentes no ambiente escolar. Menciona os seguintes fatores: (a) sentimento de exclusão e consequente isolamento; (b) relacionamento distante com os pares ou falta de vínculo afetivo, com vivência de situações de risco, insegurança e/ou ameaças; (c) atitude de distanciamento da família no tocante à escola e/ou relações de conflito entre estas instituições; (d) percepção de preconceito e de desvalorização advindos da escola; (e) relações conflituosas ou indiferentes entre educador e aluno; (f) falta de reflexão da escola sobre o uso de drogas pelos adolescentes.

Vale ressaltar da pesquisa de J. B. Santos (2006, p. 207), a fala de um adolescente acerca de um fator de proteção da escola: “Minha família e minha escola estão próximas, integradas e mantêm contato entre si”. É importante verificar que o estudante valoriza a existência de intersecção entre a proteção e da escola, o que indica serem as duas instituições responsáveis pela formação da personalidade do adolescente devem estar juntas para realizar sua missão.

Pelo exposto, fica evidente que as intervenções da escola para reduzir o consumo de álcool e outras drogas constituem um desafio a ser enfrentado pelos educadores. Considerar a escola como "salvadora da Pátria" seria simplista e ingênuo, todavia há que considerar as funções e a responsabilidade da escola e da família para com a formação do adolescente.

Filósofos como Rousseau, Comênio, Lock, Kant, Herbart e Pestallozzi conceberam a educação como transformadora das potencialidades do homem. Alguns destes pertenceram à corrente iluminista, fundada na crença da força libertária da razão. Com efeito, desde a filosofia grega, retomada no Iluminismo, até os dias atuais, feitas as devidas atualizações e a contextualização históricas, o homem indaga sobre o sentido de sua existência e busca se conhecer, visando a ter uma vida em harmonia consigo mesmo e com os outros, incluindo o meio ambiente. Nessa procura de autoconhecimento e de esforço por estabelecer inter-relações afirmativas com o mundo físico e social, o ser humano vale-se da escola, que é coadjuvante no processo de humanização do homem.

Nesse sentido, a prevenção ao uso indevido do álcool e de outras drogas pode ser um ideal a ser almejado pela escola. Essa prevenção, entretanto, deve ser realizada com critérios fundamentados na ética, liberdade de escolha, informação científica atualizada e no respeito às diferenças raciais, religiosas e sociais. Somente dessa maneira, será uma prevenção libertadora.

Morin (1991); B. S Santos (1986) são coincidentes em um aspecto: existe, na atualidade, uma crise de paradigma. Morin (1991), entretanto, indica a saída teorizando um novo paradigma – a complexidade. Desta descontrução/construção, podemos nos beneficiar, lançando mão dos pressupostos teóricos para a compreensão e reflexão sobre programas de prevenção do uso indevido de álcool e de outras drogas.

Do mesmo modo, a utilização da metodologia de redes sociais pode viabilizar o trabalho sobre as relações interpessoais e grupais, constituindo uma metodologia adequada, porquanto compõe o paradigma sistêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo traz uma reflexão acerca de programas que objetivam a prevenção ao consumo de drogas na escola e tem a seguinte questão inicial: Quais seriam as motivações para educadores realizarem a prevenção do uso de drogas? Procuramos mostrar que razões não faltam

para empreendimento de esforços nesse sentido, tais como: prescrições legais, aspectos psicológicos e de natureza social. Muitos professores, todavia, hesitam, recusam-se ou se omitem em desenvolver ações em prol dessa prevenção ou mesmo em se envolver com tema. Parece-nos que tais posturas sejam de ordem subjetiva, entretanto, não podemos nomear tais aspectos, lacuna que pode ser preenchida com outras investigações.

Neste artigo, sugerimos a teoria da complexidade e a sistêmica como uma possibilidade de fundamentação teórica para programas desta natureza, em virtude de a prevenção ocorrer nas inter-relações, preconizadas pela teoria sistêmica, quais sejam, do adolescente, com a família e o contexto social. Esta teoria sugere o resgate das relações como uma das formas de prevenir o consumo em pauta.

Com efeito, para que esse resgate possa acontecer, é necessário conhecer os vínculos dos sujeitos. Neste sentido, a teoria aqui destacada indica a metodologia de redes sociais, à medida que esta metodologia evidencia vínculos tanto os fortalecidos, quanto os enfraquecidos dos relacionamentos. Para tanto, pode-se utilizar o mapeamento das redes sociais dos estudantes e das instituições socializadoras em questão: a família e a escola. Desse modo, consideramos essa metodologia uma importante escolha para o desenvolvimento de programas de prevenção do uso de drogas.

Neste texto, comentamos brevemente algumas correntes filosóficas, citando os seus respectivos criadores. Mostramos os caminhos das ciências, perpassados por ideologias, em face de seu objetivo principal de auxiliar o homem na busca incessante, a fim de compreender o mundo em que vive, de dar respostas às suas inquietações e aos enigmas advindos do mundo social e natural.

Com isso, nossa pretensão foi, sobretudo, mostrar a existência de vários caminhos a serem trilhados, no caso da prevenção do uso de drogas. As escolhas, contudo, são feitas de acordo com identificações pessoais. Neste momento, perguntamos: os professores identificaram-se com a teoria proposta no curso[2]? A falta de identificação poderia ser um entrave para a implantação de programas de prevenção do uso de drogas.

Ao finalizarmos este artigo, permitimo-nos fazer um paralelo entre a construção das ciências e a busca do homem pela realização, pela felicidade, uma vez que acreditamos ter esbarrado no consumo de drogas como substância psicótica, que proporciona prazer. Então, o consumo de drogas está entre as inquietações existenciais do homem e pode levar ao prazer,

[2] Esclarecemos que foi feita uma capacitação para um grupo de funcionário e professores de uma instituição pública de ensino na qual foram utilizadas as teoria e a metodologia de que trata este artigo.

quando essas substâncias são usadas com moderação. Diante deste fato, como poderíamos realizar a prevenção? Parece-nos claro que a perspectiva aqui esboçada é de que a proposição central de um projeto de prevenção do uso de drogas precisa ser a de evitar o abuso, que deixa de ser um prazer e passa causar prejuízo de várias naturezas ao próprio usuário.

REFERÊNCIAS

DUARTE, P. do C. A. V. Redes sociais. In: SUDBRACK, M (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas***.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.

MOREIRA, F. G. Dilemas modernos: drogas, família e adolescência. In: MOREIRA, F. G.; ANDREOLI, S. B. *Drogas assunto de educador*? São Paulo: Atheneu, 2009.

MORIN, E. *Ciência com consciência*. Trad. M. G. Bragança e M. G. Pinhão.
Portugal: Publicações Europa-América,1996.

_____. *O método 6: ética*. Trad. J. M. Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MENEZES, M. P. *Redes sociais:* pessoais: conceitos, práticas e metodologia. 2007. Nº folhas. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Porto Alegre. Disponível em: www.tede.pucrs.br busca/tde_arquivo.php?codArquivo=646. Acesso em 2 out. 2011

SANTOS, J. B.. *Redes sociais e fatores de risco e de proteção para o envolvimento com drogas na adolescência:* avaliação e abordagem no contexto da escola. 2006.nº folhas. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia Clínica, Universidade de Brasília. Disponível em: www.bce.unb/tedesimplificado/tde-busca/arquivo.php?cod.arquivo=2498. Acesso em: 28 nov. 2009.

SANTOS, B. S*. Um discurso sobre as ciências.* Porto: Edições Afrontamentos,1987.

SLUZKI, C. *A rede social na prática sistêmica:* alternativas terapêuticas. Trad. C. Berliner. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997

SODELLI, M. *Uso de drogas e prevenção:* da desconstrução da postura proibicionista às ações redutoras de vulnerabilidade*.* São Paulo: Iglu, 2010.

SUDBRACK, M. F. O. Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda. In: MACEDO, R.M. (Org.). *Família e comunidade*. São Paulo: Associação Nacional de Pesquisa e de Pós-Graduação em Psicologia, 1996.

_____. Terapia familiar e dependência de drogas: construções teórico-metodológicas no paradigma da complexidade. In: SEIBEL, S. & TOSCANO Jr., A. *Dependência de drogas*. São Paulo: Atheneu, 2002.

_____. (2004). *O adolescente e o grupo de pares*: formação de multiplicadores. Disponível em: <www.tvebrasil.com.br/Salto/ boletins 2004/dad/tetxt4.htm> Acesso em: 13 nov. 2009.

_____. (2005). Redes sociais e os adolescentes. In SUDBRACK, M. (Org.). *Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas.* Brasília: Editora Universidade de Brasília.

VASCONCELOS, M.. *Pensamento sistêmico:* o novo paradigma da ciência. Campinas: Papirus, 2003